

28 de julho de 2023 nº7
ano II

Tatuí, SP

JORNAL

BULI

28º FETESP

**FESTIVAL ESTUDANTIL DE TEATRO
DO ESTADO DE SÃO PAULO
CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**





NO FRESCOR DA HORA

4

**O CULTIVO DA TRANSMUTAÇÃO: A TERRA
QUE FERTILIZA ESSA HISTÓRIA, FECUNDA
DUAS VERSÕES DESSA ESCRITA**

JULIA PEDREIRA E THIAGO MARCHETTO

COXIA

12

VIBRAÇÃO ALEGRE COM BIXIGA 70

MARCO ANTONIO PEDRA

FERMENTAÇÃO NATURAL

17

ONDE ESTÃO ESSAS MULHERES?

APOENAS

21

**ENTRE CONSTÂNCIAS E NEGRANÇAS:
CORPOS PRETOS QUE ATRAVESSAM**

CONSTANTE GRUPO TEATRAL

25

DILATAR EM SI, ECOAR EM NÓS

COLETIVO NEGRANÇAS

30

**O TEATRO ESTUDANTIL É FORÇA,
É MOVIMENTO E É URGENTE**

CIA ANDARILHAS

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

34

VIEWPOINTS, COM MIRIAM RINALDI

LUCAS ROSÁRIO

AINDA REVERBERA

37

NÓS SOMOS CONTINUIDADE

COLETIVO NEGRANÇAS

40

COM AFETO

CONSTANTE GRUPO TEATRAL

41

EXPEDIENTE





O CULTIVO DA TRANSMUTAÇÃO: A TERRA QUE FERTILIZA ESSA HISTÓRIA, FECUNDA DUAS VERSÕES DESSA ESCRITA

**POR JULIA PEDREIRA E
THIAGO MARCHETTO**

*apreciação do espetáculo Mercado-
Ojá: um campo de mandinga a partir do
painel conduzido por Valéria Rocha e
Thiago Leite – Conservatório de Tatuí*

Hoje, dia 27 de julho de 2023, nós,
escribas deste festival, em exercício
contínuo de descoberta, inspirados

pela sensibilidade criadora do espetáculo "Mercado-Ojá: um campo de mandinga", decidimos ocupar essa página juntas, como se estendêssemos também um tapete. Assim, nós, Julia e Thiago – de localidades, temporalidades e intimidades tão diversas –, nos propomos ao desafio e ao risco do encontro-partilha e convidamos vocês a adentrarem essa arena de pensamentos em trânsito.

Ao entrarmos na quadra da escola pública Chico Pereira na manhã desta quinta feira, o que vimos foi uma grande escultura. Um pano cobrindo algo – "Pessoas? Instrumentos? Uma cesta? Um chafariz, um bicho?" – foram algumas das suposições feitas pela plateia diante da instalação. Andanças instauram uma suspensão, caixotes e um giro retalhado pelos lapsos da história. Ali se constrói uma bugigangaria – símbolos dessas contações de histórias, negociação do desconhecido. Os Orixás se encontram numa encruzilhada mercantil para nos convencer de qual criação de mundo é mais convincente para nós – o chá de cevada, a manga, a carne e várias versões materializadas sobre o berçário do mundo. A narrativa não traz apenas os mitos africanos sobre a criação do homem introduzido no mundo, mas também as relações que os Orixás – entidades da cultura e crenças lorubás – tinham um com o outro. Todos os conflitos destas histórias oralizadas e cantadas tinham um propósito pedagógico dentro do formato dramatúrgico que se insere em um esquema não ocidental

da filosofia. Pouco se debate sobre filosofia africana ou africanismo na grade curricular das escolas. O que podemos aprender além das perspectivas de Platão ou Descartes? A disputa do galo entre Iansã e Iemanjá, apartada por Oxum, nos ensina que o galo não é de quem cuida, é de quem precisa.

Na cultura Iorubá que surgiu no sudoeste da Nigéria e no sul de Benin, Obatalá pediu permissão a Olodumaré para a criação de Ilê-Ifê, a Terra. Na cultura Bantu, regionalizada em Angola, Congo, Gabão e Cabinda, Nzambi criou sua esposa, Ná Kalunga, para dominar sua criação primária, a Terra e os animais. Todas estas histórias e outros encantamentos que se dão estão à venda por preço de banana ou maçã. Quem quer comprar? O mercado que ali se instaura não se trata da lógica capitalista do mundo neoliberal que só produz o acúmulo e ganância estagnante – que só promove a retenção de coisas, a concentração de renda, o individualismo coercitivo. O que vemos é um mercado de trocas, de movimento, de circulação. Exu abre os trabalhos – e o que se cria se fundamenta na fecundidade – no cultivar e não no consumir.

O público disse enxergar ali uma ciranda, um encontro de memórias históricas e experiências ancestrais. Recordações, infância, destinos, vazios, círculos, um grande caldeirão de sonhos e significados. O Coletivo Teatral Girantes parece nos convidar a server sabores, cores, canções, desconhecimentos, sonhos, frutas, temperos de modo vivente e movente. Tudo que se dá ali é interação

– cada troca de olhar, cada dispersão ou toque não passam despercebidos, mas vão compondo a dança do mercado – a reciprocidade de vozes e olhares, a partilha, o oferecimento. Dar é receber e vice-versa.

Uma espectadora disse que se lembrou de Manoel de Barros, poeta de livros sobre o nada, apanhador de desperdícios, artista-coisa que faz do ínfimo, grandeza. Nada é à toa – as conexões estão no ar, são vibrações físicas, tem razão (desrazão) de ser. Transcrevo (reescrevo – distribuo enquanto reinvento a mim (nós) – preencho minha boca (nossa) com vozes manoelísticas):

Não gostamos de palavra acostumada.

Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria.

Afinal, não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma que fique desamparada do ser que a revelou.

E saiba, não precisamos do fim para chegar.

Do lugar onde estamos já fomos embora.

Para ter mais certezas temos que nos saber de imperfeições.

E lembrem-se, há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.

Então, usamos aqui a palavra para compormos nossos silêncios.

Não gostamos das palavras fatigadas de informar.

Damos mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra sapo.

Manga se come com casca, por inteiro, não pela metade.

Amarela-se tudo.

Então, quando vocês dizem manga, vocês criam manga?

Quando dizem destino, cria-se destino?

E se pimenta não mata agita arrepiá pica a língua, não há como se perder na espiral dos sabores e nessas palavras – cirandas de tantas nós vós tus – avoamos porque nosso quintal é maior do que o mundo.

Somos apanhadores de desperdícios: amamos os restos as cacas os frutos maduros.

Sobre o nada temos profundidades e, assim, aqui nos encontramos nos embrenhamos...

Atuações espiralares, de onde nascem os impulsos?

Batucamos com a vida pois estamos só de passagem por meio de muitos caminhos que se abrem.

Quem disse isso – Julia, Manoel, Thiago, João Vitor, João Carlos, Heloísa, Chidi, Ketelyn, vocês, elas, eles – aqueles – os invisíveis presentes... as partilhas estão lançadas no espaço-tempo.

Pois então, por que temer o vazio? Já se disse, "kalunga transbordou o vazio". Eis o próprio equilíbrio daquilo que não tem fim, a manifestação da vida na força líquida do vir a ser. Tudo é movediço. Até um tapete em uma escola pode alçar voo...

Se olhar é um treino de sensibilidade – nesse mercado que se fez presente hoje, fomos regidos regidas regides pela brincadeira afetiva da circulação-troca – nada fica, mas tudo se transmuta.

Transmutamos?







VIBRAÇÃO ALEGRE COM BIXIGA 70

MARCO ANTONIO PEDRA

bolsista estagiário de apreciação crítica. estudante de artes cênicas da Unicamp. apreciação do show Bixiga 70

O 28º FETESP está com uma riquíssima diversidade de linguagens artísticas em sua programação. Além das peças de teatro de diferentes estéticas, teve espetáculo de dança, dois shows musicais e vai acontecer ainda a apresentação de

uma peça-filme, uma obra audiovisual. No dia 27 de julho de 2023, o Teatro Procópio Ferreira abrigou um vibrante show de música. Situada em São Paulo, no bairro Bixiga, em um edifício de número 70, na Rua 13 de maio, a banda "Bixiga 70", que leva este nome justamente por sua localização, é composta por artistas de diferentes segmentos musicais que participaram de projetos ligados ao estúdio Traquitana. Antes da apresentação, acompanhei um pouco dos bastidores da banda. Eles chegaram em Tatuí ontem mesmo, no dia 27 de julho, e foram até o centro da cidade tomar um sorvete. Depois, se encaminharam para o Conservatório de Tatuí. Os integrantes vieram muito bem acompanhados: trouxeram seus instrumentos musicais! Apenas os equipamentos de palco do Teatro Procópio Ferreira – como amplificadores, bateria e microfone – foram usados no show. De resto, toda a aparelhagem pertence ao grupo. A banda foi fundada em 2010, mas sua configuração foi mudando ao longo dos anos, com a entrada de novos integrantes. Na trajetória de mais de uma década, lançou cinco discos, sendo que o mais recente é de 2023, *Vapor*. Todos os artistas da banda trabalham em outros projetos, mas a maioria vive principalmente a partir dos trabalhos do Bixiga 70. Antes da apresentação, houve afinação de instrumentos, testagens técnicas, boas conversas, risadas, descontração... O grupo tem o costume de tocar tanto em auditórios quanto em pista aberta, então, o Teatro Procópio Ferreira

não fugiu do que estão acostumados. Mas a experiência do público em pé e sentado são bem diferentes (não só para os espectadores como para os artistas que estão no palco). Para eles, faz mais sentido o público em pé, por isso, logo no começo do show, eles pediram para que aqueles que quisessem levantar assim o fizessem. E muita gente levantou, pois o ritmo envolvente e dançante da banda convida a plateia a mexer o corpo. Além disso, a animação com a qual os artistas tocam reiteram o convite. As músicas misturam referências sonoras africanas e latinas. Há muita percussão e muito instrumento de sopro. As luzes e a máquina de fumaça no palco deram ao show um toque de magia, dando à apresentação um refinamento estético. No final do show, o público foi convidado a adentrar esta área fantástica, o palco. Estavam todos contagiados com a alegria que as músicas da banda trouxeram. Ainda houveram passinhos de dança que os artistas ensinaram ao público em algumas músicas e um trenzinho que circulou pelas poltronas do Procópio Ferreira. Quando o show terminou, foi difícil convencer a plateia a ir para casa. Houve um coro de espectadores pedindo bis e os artistas, gentilmente, atenderam ao pedido e tocaram uma versão instrumental de uma obra de Luiz Gonzaga. É uma banda inovadora, que consegue se comunicar bem com o público e contagiá-los com a sua alegria. Viva Bixiga 70!







ONDE ESTÃO ESSAS MULHERES?

Apreciação do grupo Apoenas para o espetáculo "Inimigas Públicas – Memórias de chumbo", da Cia Cia Andarilhas.

No dia 26 de Julho de 2023, a Cia Andarilhas apresentou o trabalho "Inimigas Públicas – Memórias de Chumbo" no FETESP. O grupo – composto por Bianca, Brenda, Felipe e Mileny – vem da grande São Paulo para Tatuí. A Cia surgiu

na Escola Livre de Teatro e teve o Teatro Procópio Ferreira lotado – somavam na plateia estudantes de 3 escolas públicas tatuienses e tantas outras pessoas. Foi a quarta apresentação deste trabalho, sendo a primeira em palco italiano com uma estrutura como a do Procópio Ferreira.

A partir do contexto da ditadura militar brasileira dos anos 60, as atrizes buscam resgatar memórias de resistência feminina com o questionamento "Onde estão essas mulheres?". Essa pergunta vai sendo discutida ao longo do espetáculo – por vezes em interações com a plateia – na narração e em outros recursos cênicos (como na teia de recortes, que se torna uma instalação e convida o público a querer chegar perto e ver os rostos estampados ali, as informações e outros detalhes). No decorrer de aproximadamente uma hora de peça, a exposição de nomes, recortes, imagens visuais e sonoras, nos levavam ao mesmo questionamento.

"Inimigas Públicas – Memórias de Chumbo" é um trabalho de pretensão grandiosa: abranger um panorama de nossa história que, além de delicado, segue com lacunas a serem investigadas.

Embora seja necessário, a proposta cênica nos chega de maneira bem ilustrativa. Ao citar a polícia, luzes vermelhas e azuis piscam. Às vezes, reformular símbolos e seus contrapontos potencializam uma cena. A possibilidade que o teatro nos dá

de re-imaginar-recontar é grande, seria interessante ver o grupo explorando essas formas de fazer com que o assunto nos atravessasse de uma forma nova, inventiva. Como seria se o espetáculo se atentasse a um recorte, um único nome, contando mais com menos?

Ver o levante de corpos jovens acerca de um tema tão importante é potente e nos atinge em um lugar de identificação. Também somos um grupo de teatro recente, independente, de protagonismo feminino, que dá voz àquilo que acreditamos, nos possibilitando trocas que, sem dúvidas, enriquecem o trabalho de ambas.





ENTRE CONSTÂNCIAS E NEGRANÇAS: CORPOS PRETOS QUE ATRAVESSAM

*apreciação do Constante Grupo Teatral
para o espetáculo Estuário: entre
íntimos e imaginários, do Coletivo
Negranças*

No dia 25 de julho de 2023 o Teatro Procópio Ferreira recebeu um presente. Ao entrarmos no teatro, vimos um palco vazio, com a ausência de cenário, objetos cênicos e sons. Após o terceiro sinal, o *jingle* do FETESP começa a tocar, logo, um grande

presente chega. O espetáculo Estuário: entre íntimos e imaginários.

Sete mulheres pretas tomam o palco para si e o entregam a todos nós, a obra (presente) que nos foi entregue aponta diversos caminhos para pensarmos nossa existência, corpo, pele, voz, políticas e escolhas por meio da dança e da palavra. A obra dançada traz consigo a força e a luta da mulher preta em meio à sociedade, mas, sobretudo, o poder do afeto entre elas na vida e na cena.

Cada gesto tem uma história enorme por trás. Demonstrando o cansaço por meio de respirações ofegantes com seus movimentos, percebemos durante a fruição do espetáculo que elas tentam apoiar, sustentar e acolher umas às outras, curando umas às outras das dores do mundo.

Uma representatividade enorme através das danças feitas por elas, que derrubam muros rígidos com apenas com um sopro. A palavra que é dança e a dança que é palavra teve como fator motriz o encontro entre mulheres pretas em uma universidade pública, dando abertura ao primeiro coletivo de dança com mulheres negras, com diversidades corporais (estaturas, tons de pele e texturas capilares). As meninas abordaram temas complexos por meio de metáforas corporais, gerando em cada um de nós uma leitura que se relaciona com o corpo-história de cada um dos espectadores.

Por fim, ressaltamos a harmonia entre as integrantes do grupo, os movimentos limpos

FERMENTAÇÃO NATURAL

dos corpos, a coreografia impactante e sutil, o calor do corpo delas ultrapassou as paredes do teatro, tocando a pele, o coração e a história de cada uma de nós.





DILATAR EM SI, ECOAR EM NÓS

*apreciação do Coletivo Negranças
para a performance Dilatar, do grupo
Apoenas*

No dia 26 de julho de 2023, pouco antes das 17h, não se sabe ao certo quando, Lorrane Suelen e Marília Pasqualotto iniciaram a dilatação do tempo no espaço da praça da Matriz, em Tatuí-SP. Raios de Sol passam por entre os comércios, as árvores,

a igreja e tocam não só o chão da praça, mas também os corpos. Corpos esses que se encontram dentro de um grande círculo formado por cadeiras brancas de plástico. Elas, vestidas em roupas brancas e fluidas, iam para frente e para trás, entre uma inversão de eixo e um salto. Entre badaladas dos sinos da igreja e os ruídos de cidade-viva, elas se contrapõem ao espaço propondo uma movimentação que se repetia em *looping*. No vai e vem que é constante mas não eterno, os movimentos repetitivos hipnotizam, ao mesmo tempo em que cansam e desfocam os olhos de quem assiste. A engrenagem das movimentações – que ora se encontravam, ora se desencontraram – trouxeram um estado catártico para o corpo, intensificado também por um olhar fixo no horizonte. Sem entregar o jogo (o que foi extremamente interessante), minuciosamente, as *performers* foram alcançando outras perspectivas no espaço, organizado em arena para que as pessoas pudessem sentar e apreciar o trabalho.

A obra é dividida em dois momentos: 1) O de repetição de uma sequência de gestos em velocidade média – andar para frente; inversão de eixo; andar para trás; e salto – que embalou o início da performance e trouxe à tona suor, bochechas rosadas e cansaço, que pouco a pouco foi sendo externado na expressividade das *performers*; 2) suspensão do corpo, entre tremores e olhares que balizam, entre o desespero e o vazio do corpo. Ora movimentos viscerais, internos e quase imperceptíveis ao olhar,

ora movimentos musculares, expandidos e dilatados. Essas mulheres oferecem uma aula de presença que provoca sensações inexplicáveis para quem assiste.

Foi visto ECO, mas também se percebeu o desgaste que ele causava. Testemunhando a sintonia dos ecos na movimentação, o tempo dilatou-se até a hora do jantar. Após o jantar, surgiram questionamentos sobre o propósito das *performers*: qual o sentido por trás delas? Que significado tiveram no passado e qual tinham naquele exato momento? Por que se dilatar? Surgiram perguntas sobre o que acontece quando se dilata e o que é contraído nesse processo. Refletindo sobre os limites da repetição e qual ato estava sendo repetido, seria o ato da performance em movimento, o ato dos espectadores observando ou o ato de uma cidade que constantemente gira em torno de um ciclo no meio da praça?

Além do eco, foram presenciadas crianças tentando explicar aos seus pais ou cuidadores o motivo de sua aflição. Ouviram-se os lamentos de uma pessoa desamparada, que desconhecia seu próprio nome, moradia e até sua dignidade. Também foi possível ouvir o desespero de uma poderosa marca, buscando vender algo. Ao fim, essa pessoa se sentiu mais do que ecoada, pois percebeu que talvez só tenha sido possível ecoar porque antes fora dilatada.

O trabalho das artistas, em um certo ponto de vista, está de alguma forma relacionado com a performance da feminilidade. Percebe-se

uma conexão entre as escolhas dos vestidos, dos tecidos e das movimentações com uma representação do feminino em forma de performance, que também se alinha com as tendências da dança moderna, justificando, assim, referência à famosa Pina Bausch. No entanto, elas têm uma abordagem distinta e singular. É como se o simples ato de vestirem os vestidos as colocasse, imediatamente, em um estado de performance.

É no ecoar destes corpos que se encontram, que Negranças se afeta; para nós, é muito interessante e incrível ver estratégias de permanência. Primeiramente, vemos o trabalho de um coletivo que se junta a partir da sala de aula, a partir de uma instituição de arte e a permanência desse grupo se mantém para além da instituição, permanece em espaços públicos como a praça, em espaços de convivência, em cidades distintas, Tatuí e cidades vizinhas. É o encontro de duas *performers* e um provocador, que está tentando descobrir, talvez, se é um historiador ou documentarista.

E nós, como coletivo, que no presente momento em que escrevemos esta carta, estamos completando um ano, nos encontramos com outra possibilidade estratégica de permanência, outra forma de sobreviver como coletivo, para além dos espaços institucionais, sejam eles escolas, academias, teatros.... Encontramos novas formas de pertencer e permanecer em coletivo.





O TEATRO ESTUDANTIL É FORÇA, É MOVIMENTO E É URGENTE

*apreciação da Cia Andarilhas para
o espetáculo Hoje é dia de Maria, do
Constante Grupo Teatral*

O espetáculo intitulado "Hoje é dia de Maria" ganhou vida nos palcos na terça-feira, 25 de Julho de 2023, pelo coletivo "Constante Grupo Teatral", de Ribeirão Preto/SP, no 28º FETESP, em Tatuí. O grupo, composto exclusivamente por alunos

da Escola Estadual Prof^a Nair Guilhermina Pinheiro Nogueira, mostrou ao público toda a sua dedicação, talento e paixão pela arte do teatro. O mais notável é que esses jovens artistas ingressaram recentemente no ensino médio, demonstrando um amadurecimento artístico impressionante para suas idades.

Maria, a menina que foge de casa em busca das franjas do mar, atingida pela violência da madrasta e de outras vivências do seu cotidiano, viaja pelas imagens, imaginários, cantos, símbolos e situações que transcorrem o espetáculo através das expressões sensíveis e potentes das atrizes e atores. A obra caminha por canções populares brasileiras e por referências imagéticas do sertão nordestino, trazendo elementos da cultura popular e de uma linguagem dos sonhos muito afetiva. O espetáculo, inspirado na minissérie "Hoje é dia de Maria", carrega personagens fantásticos que passam pela menina através de cenas movidas pela tensão, pelo abuso, pelo afeto, pelo divertimento, pelas emoções e pela coletividade escancarada em cenas musicadas de coro – de muita delicadeza – que são parte da construção cênica na montagem do espetáculo, com uma encenação carregada de algumas referências que podem ser cada vez mais trazidas pelos próprios estudantes. De modo geral, a força que trazem para a cena é muito bonita e realça a poética do espetáculo.

A partir disso vemos abraços, intimidades, gritos de socorro e potências. A resistência artística dentro da escola pública é muito

difícil e isso é algo de se reconhecer no grupo que, esperamos, continue estudando e fazendo teatro. A juventude nesse espetáculo é o que vemos, e com força. O coro traz imagens lindas, como quando Maria encontra as franjas do mar, ou quando vemos as sombras prendendo a personagem. Um desejo que sentimos após a apreciação que acontece ao final da obra foi de entender melhor o processo, o domínio jovem do espetáculo. É linda a coletividade e a construção que se propõe em cena, mas até que ponto a orientação pedagógica não se torna uma condução direta? Que caminhos podem ser possíveis serem explorados, com uma direção mediadora, que possibilite outros caminhos na dramaturgia que pode surgir dos alunos? Com as músicas que escutam, poesias (não só as textuais, mas corporais) que escrevem, danças que propõem e que podem compor a obra de forma jovem, atual e potente?

Pensamos também em como a violência e as cenas de incômodo visual são necessárias, mas fica como provocação: até onde ir com o incômodo para que o público não se perca da história? Até onde nós podemos ir em relação ao corpo do outro? Entendemos o ofício do ator-intérprete como um transmissor da história, e em alguns momentos, nos desvinculamos dos atores pela preocupação física que temos e que nos afasta da narrativa.

O teatro estudantil é força, é movimento e é urgente. Com a idade que o grupo possui e a coragem que evocam seu discurso, como dito,

seu "pedido de socorro", o Constante Grupo Teatral tem em suas mãos a possibilidade de criar e falar sobre o que quiserem. Nós, enquanto apreciadores da obra, queremos ouvi-los, figurativamente e literalmente. É importante que o grupo mantenha o estudo em movimento, se descubram fazedores de teatro, atores, atrizes, mas principalmente: descubram o seu próprio fazer artístico dentro do seu espaço de descoberta, a escola. Sobre o que mais queremos falar? Que assuntos são urgentes em nós, jovens, estudantes, criadores? O teatro estudantil é força porque vocês são a força. Parabenizamos o grupo por se manterem resilientes durante o processo, e por tornarem o mar, que está a 230 km da cidade de Tatuí, tão próximo de nós.



VIEWPOINTS, COM MIRIAM RINALDI

LUCAS ROSÁRIO

*estudante da Turma 74-EAD - Escola de
artes dramática - USP*

Miriam Rinaldi, com a oficina *viewpoints*, propõe olhar para a relação dos corpos no espaço de forma "simples": observar os que estão ao seu redor, abrir o olhar periférico, atentar para pausas e velocidades, perceber se você é guia ou

guiado. Estou sendo generoso com o grupo? Gosto de ser guia? Caminhando pelo espaço... existe "água" entre os corpos, há que se perceber o externo e o interno. Prontidão aos estímulos recebidos. E esses comandos nem são todos, mas já temos uma ideia de como os mesmos constituem o que poderíamos chamar de "presença" em cena, bases que servirão para qualquer tipo de trabalho, épico, realista, clássico ou contemporâneo. Um piano soava ao fundo, uma música suave, imaginei o pianista na sua sala de estudos, pressionando as teclas do instrumento para que as ondas sonoras surgissem no espaço. Oras, qual é nosso instrumento de trabalho primordial? Por mais que uma atriz possa também manipular um piano, é seu corpo que irá tecer uma narrativa no palco, tenha essa narrativa um texto ou não, seja ela linear ou fragmentada, concreta ou abstrata. O corpo será, indubitavelmente, o instrumento da intérprete.

Nesse sentido, o treino é de fundamental importância para "estar" em cena. Alguns dirão que essa afirmação "chove no molhado", mas é engraçado como facilmente o compromisso com o treino corporal, imagético e vocal da pessoa da cena é negligenciado. Atuar, como disse hoje Rinaldi, é reagir aos estímulos que recebemos. Mas não podemos simplesmente ir com o nosso corpo do cotidiano para a cena e reagir aos estímulos, existe uma convenção no palco, existe o jogo proposto, regras que não podem simplesmente serem ignoradas. Além disso,

no frenesi do dia a dia, num mundo liberal e de liquidez, lembrando aqui o conceito do sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017), que discorre sobre nossa modernidade líquida, facilmente podemos levar corpos em cena que estão dispersos e não conscientes, corpos que estão com uma casca impeditiva de se reconhecerem em sua potência de expressão. Por isso o treino, por isso as trocas: ampliar a porosidade com você mesma, com a outra pessoa e com o espaço.

Finalmente, e não menos importante, Rinaldi chamou atenção ao fato de que quando se está fazendo uma atividade em cena, principalmente no treino, faz-se necessário descobrir algo atraente dentro das dinâmicas, caso contrário você criará um comportamento de autossabotagem que nada irá contribuir para plasmar seu olhar e percepção. Para além disso, divertir-se. Teatro é, antes de tudo, uma arte, e como toda arte preocupa-se com o efeito estético, ou seja, extasiar quem vê o fenômeno teatral. Desse modo, como extasiar sem estar extasiado?



NÓS SOMOS CONTINUIDADE

**BIANCA SANTOS, GABRIELLE JANUARIO,
JESSICA SOARES, MARIA STEPHANI,
PH VERÍSSIMO, STEPHANIE BORGES
E VIC VIEIRA**

*Coletivo Negranças. Estuário: Entre
íntimos e imaginários, Unicamp,
Campinas-SP*

No dia 26/07, por volta das 13h10, o coletivo Negranças – Janu, Bianca, Steph, Maria, Vic, Jess, Very e Akili – juntou-se em volta da mesa da Casa África ansiosa pelas críticas que haviam sido feitas sobre o rebento Estuário: Entre íntimos e

imaginários, narradas pela voz do nosso querido produtor Binho.

O tempo parou para que pudéssemos ouvir sobre a potência de riscar os tempos com as nossas danças, com as nossas biografias e percepções de mundo. Tem sido fundamental vivenciar as transformações internas e coletivas que o trabalho vem gerando durante a sua existência. Ler sobre nossas águas-espirais fortaleceu o nosso propósito e nosso senso de *continuidade*. Não podemos e não queremos parar agora, muita gente veio antes.

É muito louco ver um trabalho (re)nascer para o mundo. A última vez que apresentamos Estuário foi em fevereiro de 2023 no DACO (Departamento de Artes Corporais da Unicamp). O processo de revisitação do espetáculo nos faz constantemente dar novos sentidos e o contato com o público amplia uma gama infinita de possibilidades interpretativas da criação. A verdade é que a gente vive o que a gente dança. Na dor e na delícia, no afeto e no embate, e isso propositalmente escorre para a cena.

Relembramos a pulsação de ouvir os *feedbacks* assim que saímos da apresentação. O corpo quente revirado pela nossa passagem pelo FETESP trouxe à tona uma nova percepção: tivemos que sair de casa para nos vermos na magnitude que somos. Na nossa atual e contundente permanência no curso de Dança da Unicamp, não passamos com tanto afeto e grandeza como passamos por aqui. Durante a noite

do dia 25, após a nossa apresentação, recebemos muitos abraços e vimos muitos olhos brilhantes bem de perto, energizados com o contato com as nossas existências.

Participar do FETESP desponta como flecha certa para o futuro do Negranças. Talvez o nosso maior desafio agora seja como registrar toda essa sensação, essa grandeza, essa potência, para que permanentemente possamos lembrar quem somos e toda nossa trajetória.

É importante celebrar. Celebramos a nossa cara de pau de termos nos inscritos em um festival de Teatro e termos cantado num conservatório de música. Celebramos a possibilidade de borrar as fronteiras e as dicotomias que são limitantes enquanto processo de formação artística. Celebramos também a ousadia da curadoria que nos aceitou como participantes da edição deste ano e, sobretudo, celebramos a receptividade nesse território. Muitos movimentos e projetos foram plantados nesse solo fértil.

Por fim, celebramos as mulheres-fundamento que também fazem parte da estruturação deste projeto. Lívia Nara, Adnã Ionara e Ana Clara Ferraz, levamos vocês marcadas em nossos corpos e memórias. Saudamos a existência de vocês e as contribuições para o Estuário ser o que é! BORA GALERA MULHERES NEGRANÇAS!!!!!!



COM AFETO

CONSTANTE GRUPO TEATRAL

*Hoje é dia de Maria. E.E. Prof^a Nair
Guilhermina Pinheiro Nogueira, Ribeirão
Preto-SP*

Estuários: Entre íntimos e imaginários nos convoca a olhar sensível e íntimo para o corpo feminino preto, para o sagrado da mulher preta, à ancestralidade e à força sutil de quem existe em meio ao caos.

Vimos mulheres, mães, tias, primas, filhas, irmãs, avós, vimos a força ancestral emancipando e potencializando corpos, que acolhem, projetam e sustentam umas às outras.

Vimos Ubuntu e reza, fé e cuidado. Vimos e ouvimos a voz e o corpo de quem, por tanto tempo, foi silenciada.

Muito para além das técnicas de corpos em cena, é possível ver o compartilhamento de eus, delas e de nós!

Coletivo Negranças, vocês são necessárias no mundo!

EXPEDIENTE

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Coordenadora de comunicação

Luíza Lorenzetti

Arte design

Lívia da Silva

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Organizador da seção fermentação natural

Tadeu Renato

Colaboradores

Camila Barbagallo

Julia Pedreira

Lucas Rosário

Marco Antonio Pedra

Thiago Marchetto

Coletivos participantes

Apoenas

Cia Andarilhas

Coletivo Negranças

Constante Grupo Teatral

Fotógrafo

João Maria

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustenidos Organização Social de Cultura.

Apoio:



Parceria:



PREFEITURA DE TATUÍ

poiesis
gestão cultural



OC
OFICINAS
CULTURAIS



8º ENCONTRO
MAMULENGO
em SÃO PAULO



Realização:

#SUSTENIDOS



CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO